

## ATRAVÉS DA PRÁTICA URBANA DOS PERCURSOS FESTIVOS

*Magna Lícia Barros Milfont*

### **Resumo**

A importância de introduzir a temática dos percursos festivos para o estudo da cidade é permitir que novos horizontes interpretativos sejam traçados no âmbito das práticas do urbanismo e do planejamento. A análise das práticas dos percursos das festas do Recife pode contribuir para o planejamento urbano no que tange as políticas públicas de longo prazo, o que permite uma reflexão mais cuidadosa na promoção da cultura e do lazer para os trajetos que perderam sua vitalidade ou aqueles que apresentam ainda grande vigor. Nesse sentido, a lógica vivenciada pelo peregrino pode nos conduzir para compreensão da cidade, no seu movimento, onde permanências e rupturas podem ser descritas e visualizadas por meio dos mapas de percursos.

**Palavras chaves:** Cidade, festas, percursos, cultura, história.

### **Introdução**

A lógica vivenciada pelo percurso do peregrino tornou-se reflexão para compreensão da cidade a partir do primeiro ano do pontificado de Sixto V (1585-1586). A cidade de Roma era planejada sob a égide de um urbanismo monumental de caráter religioso. O plano idealizado pelo pontífice e executado por Domenico Fontana, um dos grandes arquitetos da Renascença, previa o enlace das igrejas mais importantes e outros pontos centrais da cidade, norteados pela lógica vivenciada pelo percurso do peregrino que orientou a configuração do urbanismo em Roma.

O plano romano se manifestava no símbolo da integração das sete igrejas que faziam parte do espaço sagrado idealizado pelo labirinto das vias de acesso reproduzidas pelos percursos das procissões e seus pontos de paradas (as igrejas). Este programa teve sua continuidade no século XVII, inspirando tendências distintas ou, propriamente, maneiras de construir na primeira metade do século XVIII. Essas novas tendências construtivas materializaram-se nos trabalhos de Bernini, alcançando proeminência com Francesco Borromini, Pietro da Cortona, os Rainaldi e outros mestres. Cada vez mais o edifício se tornava eixo e sistema visual de um urbanismo voltado principalmente para monumentalidade de uma arquitetura religiosa vivenciada por meio dos percursos.

O projeto sacro vivificado pela cidade romana desde Sixto V foi filtrado por Portugal que adaptou esquemas e expressões simbólicas, unindo valores ideológicos da Igreja e do Estado absolutista. Esses valores estavam expressos no modelo da “cidade-capital” - definição de Argan - portuguesa. Lisboa era sempre descrita por cronistas e

memorialistas como “coalhada por uma centena de igrejas, alguns palácios da nobreza e aglomerados populacionais que se iam encadeando” (Schwarcz, 2002, p.39) e marcavam os percursos religiosos.

Os percursos religiosos tinham um forte apelo teatral e dramático, principalmente, quando ocupavam as grandes praças. Nelas, a retórica religiosa atingia seu ápice nas demonstrações públicas dos autos-de-fé - condenação dos hereges pelos representantes do Santo Ofício. As festas religiosas e as demonstrações dos autos-de-fé apontavam a preferência pela arquitetura religiosa local, como afirma Moritz Schwarcz ao se referir as igrejas de Lisboa (2002, 54): “era por meio delas que se dava expressão a uma experiência popular, marcada por um discurso de fundo religioso ou até milagreiro”. As festas religiosas não eram as únicas que marcavam o itinerário da cidade, a teatralidade política do poder absolutista também se expressava nos desfiles e nos paços reais.

As manifestações da cultura festiva filtradas por Portugal para o Brasil desenvolveram-se desde o século XVI. Entretanto, foi aproximadamente na metade do século XVII que as procissões se revestiam de pompa e festejos, principalmente, no referido período em que muitas cidades expulsavam seus invasores e consolidavam seu poder administrativo. O período também foi representado pela consolidação da Coroa portuguesa com o fim da União Ibérica, a mudança da sede do Governo-Geral para o Rio de Janeiro e a exploração de ouro e diamante na ‘região das Minas Gerais’. O crescimento urbano impulsionado pela descoberta das pedras mineiras se estendeu também para muitas cidades como o Recife.

No Recife, a cidade se recompõe com a expulsão holandesa em 1654, marcando um período novo para a configuração urbana e cultural que teve como célula fundamental da ordenação da forma e da vida, a igreja. Desse edifício religioso que era a principal referência da cidade saíam às procissões, cortejos, festas populares e cívicas que contribuíram para formação da lógica do percurso festivo. Essa lógica envolvia as igrejas com outros elementos urbanos como as praças, os largos, as ruas e a paisagem ‘natural’, ou melhor, não edificante, o que mostra a possibilidade da compreensão da peregrinação como um dos elementos da morfologia urbana. Assim, a exemplo da Roma projetada por mestres intelectualizados por meio das marcas da fé dos viandantes, tornar possível compreender também o Recife construído pelos humildes mestres-de-obras e devotas irmandades que no tempo das festas saíam em peregrinações pelas principais ruas e igrejas. Assim, as festas religiosas precisam coexistir ou co-habitar no tempo e espaço das configurações urbanas, pois se compreende a palavra monumental como elemento urbano que incorpora valor, ideologia ou mensagem de uma sociedade (Brandão, 1999). Mensagem esta que não se

limitava apenas ao edifício religioso ou na disposição dos elementos urbanos e no traçado de ruas, travessas e becos, mas dos percursos festivos das procissões, cortejos e festas cívicas que saíam geralmente das igrejas das principais cidades.

As manifestações religiosas que percorriam as ruas do Recife interligavam importantes igrejas. Edifícios estes que orientavam a disposição do traçado urbano por meio das praças e largos, além dos próprios percursos terrestres e flúvio-marítimos. A marca da perspectiva arquitetônica dos edifícios religiosos se caracterizava mais pelo efeito uniforme de seu conjunto e o sentido de direção presente na altura das torres. As torres de igrejas funcionavam como mirantes e também pontos de orientação, num certo distanciamento, para os fiéis das procissões que percorriam as ruas dos bairros centrais (Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista). Esse elemento esguio e proeminente do edifício religioso também servia como balizamento para as embarcações que entravam na cidade ou percorriam os rios. Por essa razão, a altura elevada sacrificava a harmonia da largura das formas das edificações, surpreendendo a visão do visitante.

Neste sentido, a maioria das igrejas do Recife apresentando traços “monumentais” eram células fundamentais da configuração urbana. Elas (igrejas) evocavam o caráter religioso de todas as festividades que eram denominadas popularmente de procissões e lembravam as festividades típicas da cultura portuguesa. O arquiteto Affonso Romano de Sant’ Anna (2000) ao tratar do itinerário das procissões na Idade Média destaca que era um caminho semeado de erros, palmilhado por obstáculos que defende o espaço sagrado, idealizando o ‘Labirinto’ reproduzido nas cidades. Esta ideia parece identificar-se aos ‘percursos das festas’ da Vila do Recife. Portanto, parece adequado falar de percursos festivos, pois apesar do forte caráter religioso, várias festas eram cívicas ou populares e se guiavam pelo modelo de peregrinação semelhante às festas da Igreja: o itinerário medieval no qual o crente deveria cumprir as estações e passos da fé, incluindo espaços labirínticos como os becos das vilas e cidades.

O trajeto das principais festas religiosas, cívicas e populares sinalizava a passagem de pessoas em direção às vias principais, podendo também promover o encontro de nações negras em determinadas ruas. O historiador Marcelo Mac Cord (2005, p.56) descreve brevemente a procissão de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de Santo Antônio do Recife no ano de 1852, no dia 10 do mês de outubro: “(...) especialmente, às ruas próximas à igreja do Rosário dos Homens Pretos (...) conforme o festejo se desenrolava, no Pátio da importante e central Igreja do Carmo ocorreu o inesperado e casual encontro entre duas *nações*, “a dos Cassanges e a dos negros de

Cabundá”, que começaram uma disputa por “primazia” no folguedo, que entendemos como um conflito de poder no reinado”. Além da passagem nas ruas principais, é muito provável que algumas procissões do Recife fizessem ligações com portos de canoas para executar um percurso nas águas dos rios e mares.

Os percursos festivos possibilitam a compreensão da passagem pelas ruas principais e pontos de paradas que sinalizam a importância de determinadas vias, prédios, religiosos e praças. É nesse contexto que a vida urbana dialoga com a forma urbana, dando-lhe corpo e sentido. Por essa razão, a cidade e as festas são temáticas interpretativas que precisam caminhar juntas. Não há como analisar os percursos festivos do Recife sem a concepção de uma cidade religiosa, cívica e de entretenimento (festas populares) a partir do século XVIII.

### **Os percursos festivos do Recife do final do século XVIII e XIX**

As festividades mais importantes que marcaram o século XVIII e XIX eram as da Quaresma. Durante este período, muitas igrejas, praça, ruas, travessas, becos eram integrados pelos percursos das procissões. Porém, cada procissão saía de uma única igreja para depois de cumprido o trajeto recolher ao mesmo edifício ou numa via principal.

O escritor Mário Sette (S/d) em “Arruar, história pitoresca do Recife antigo” descreve o itinerário de algumas das mais marcantes procissões da Quaresma no Recife durante os séculos XVIII e XIX. Dentre elas estão: Procissões do Bom Jesus da Cruz, do Encontro, dos Fogaréus, do Triunfo. O historiador Leonardo Dantas (1999) destaca ainda os Cortejos dos Reis Negros, escrevendo o percurso realizado pela Nação Velha de Cambinda durante o carnaval de 1872.

Os referidos percursos foram reunidos e lançados na “Planta genográfica da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco, 1763”. Cada percurso foi analisado isoladamente para a compreensão da dimensão de seu alcance pelos principais eixos arquitetônicos e urbanísticos da cidade. Em seguida os trajetos foram reunidos confrontados para identificação dos principais pontos perspectivos que marcaram a configuração urbana do Recife. Por meio dos percursos marcados nos mapas foi possível identificar trajetórias integrando casario, igreja e rua num mesmo plano.

As ruas nas quais passavam os cortejos festivos interligavam partes importantes da cidade, orientadas por elementos arquitetônicos e apresentando em seus percursos inflexões que constituíam paradas ou também denominadas visitas ou estações. Neste sentido, foi possível destacar a junção de ruas, travessas e becos com suas interrupções

abruptas de direção, ligando praças e largos, elementos marcantes da forma urbana. Segue abaixo os principais edifícios religiosos e os demais elementos urbanos que se repetem nas festas levantadas durante a pesquisa histórica:

► Igreja do Rosário da Boa Vista - “Procissão do Bom Jesus da Cruz” - Este trajeto corresponde ao ano de 1852 e interligava o Pátio do Carmo com outros pontos importantes da cidade, conforme pode ser descrito e visto a seguir:

- 1) Seguia pela Rua da Santa Cruz;
- 2) Glória (por trás da Matriz);
- 3) Aterro;
- 4) Rua Nova (provável parada ou visita na Matriz de Santo Antônio);
- 5) Cabugá;
- 6) Crespo;
- 7) Colégio;
- 8) Estreita do Rosário;
- 9) Pátio do Carmo (provável parada ou visita a Igreja do Carmo);
- 10) Flores;
- 11) Aurora;
- 12) Formosa;
- 13) Hospício;
- 14) Praça da Boa Vista (provável parada);
- 15) Conceição;
- 16) Pires;
- 17) Velha;
- 18) Travessa do Veras;
- 19) Aragão.



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

► Igreja do Pilar - “Procissão do encontro” - Este trajeto se restringe ao Bairro do Recife, marcando os principais elementos arquitetônicos do lugar, como a visita a Igreja Matriz do Corpo Santo, na Rua da Cadeia. Seu percurso pode ser visto no mapa abaixo e seguia as ruas:

- 1) Guararapes;
- 2) Guia;
- 3) Senzala;
- 4) Beco do Capim;
- 5) Cadeia (provável visita a Matriz do Corpo Santo);
- 6) Cruz.



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

► Igreja Conceição dos militares - “Procissão dos Fogaréus” - Este trajeto saía à noite de quinta-feira, incluindo a visita às igrejas Matrizes do santíssimo Sacramento de Santo Antônio, a do Corpo Santo, as Igrejas da Madre de Deus, Santa Rita, São Pedro dos Clérigos, Penha e Convento do Carmo, além de importantes largos e pátios. Segue os elementos urbanos e o mapa:

- 1) Rua Nova (Visita a Matriz de Santo Antônio);
- 2) Cabugá;
- 3) Crêspo;
- 4) Cadeia Velha (Visita a Matriz do Corpo santo);
- 5) Vigário;
- 6) Encantamento (visita à Igreja Madre de Deus);
- 7) Largo da Alfândega;
- 8) Ponte;
- 9) Colégio;
- 10) Queimado;
- 11) Rangel;
- 12) Largo da Ribeira (visita a Igreja de Santa Rita);
- 13) Volta para o Pátio da Penha;
- 14) Direita;
- 15) Travessa de São Pedro (Igreja de São Pedro dos Clérigos);
- 16) Hortas (visita ao Convento do Carmo);
- 17) Câmboa do Carmo;
- 18) Flores;
- 19) Rua Nova a recolher (Santo Antônio).



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

► Igreja da Ordem Terceira do Carmo - “Procissão do Triunfo” - correspondia a um pequeno percurso, circunscrito basicamente no Pátio do Carmo que era um dos pontos nodais mais importantes das passagens das procissões. Segue as ruas e o mapa:

- 1) Percorre algumas ruas;
- 2) Segue pela Rua das Hortas (Convento do Carmo);
- 3) Atravessa pelo Beco do Marisco para recolher.



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

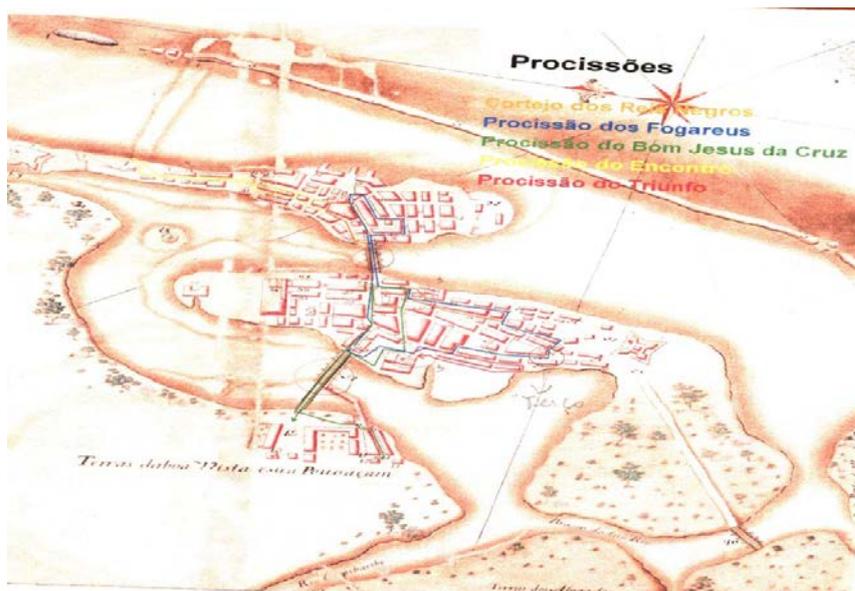
► Cortejo dos Reis Negros - “Nação Velha de Cambinda” - se tem o registro do trajeto em 10 de fevereiro de 1872, durante o carnaval, saindo da Rua de Santa Rita Velha com destino a Igreja do Rosário em Santo Antônio, onde ocorria festejos com fogos e tiros. Segue os elementos urbanos:

- 1) Dia 11 de fevereiro de 1872, o cortejo saía da Rua de Santa Rita Velha (São José);
- 2) Vem à direita da Rua das calçadas buscar a sua rainha e depois percorre diversas ruas;
- 3) Às 3 horas se achava em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Santo Antônio.



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

Os referidos percursos festivos foram reunidos em mapa e foi possível mostrar os elementos arquitetônicos e urbanos responsáveis pela projeção da composição do traçado urbano da cidade do Recife durante os séculos XVIII e XIX: Rua Nova e Matriz de Santo Antônio; Rua das Hortas, Pátio e Igreja do Carmo; Rua da Cadeia Velha e Matriz do Corpo Santo. Estes pontos perspectivados reunidos e projetados nos mapas resultaram na formação dos principais eixos arquitetônicos e urbanísticos da cidade: na direção Oeste: Ponte da Boa Vista; na parte Centro Oeste: Rua Nova, Praça da Polé (Independência), Pátio e Igreja de Nossa Senhora Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio, Pátio e Igreja do Livramento de Santo Antônio; Leste: Ponte Maurício de Nassau; parte Sul Igreja do Terço de Santo Antônio. Segue o mapa que reúne os percursos festivos do século XVIII e XIX:



Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 2000.

Os percursos das procissões até o fim da terceira década do século XX permaneceram ativos nas manifestações da cultura urbana no Recife frente as grandes transformações urbanas e as pequenas modificações de ordem comemorativa como a introdução no calendário civil da festa da padroeira do Recife – Nossa Senhora do Carmo. As procissões permaneceram com registros de seus antigos trajetos conforme as memórias dos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio como segue abaixo a narrativa dos velhos sobre algumas das procissões que em tempos imemoriais (não definido pelos entrevistados) marcaram e marcam rupturas e permanência nas práticas culturais do Recife.

### **As festas do século XX: rupturas e permanências nos percursos da cidade**

As festas religiosas no Recife são marcadas pela tradição das procissões por mais de quatro séculos de história. Ao longo do tempo o itinerário dessas festas foi modificado, principalmente, no século XX quando se encontraram registros dessas transformações impulsionadas principalmente pela intervenção na configuração urbana da cidade. Algumas transformações de ordem comemorativa aconteceram como festa de Nossa Senhora do Carmo no Bairro de Santo Antônio que remonta uma tradição do século XVII. A velha procissão tomava pompa e prestígio em 1909 quando Nossa Senhora do Carmo era proclamada padroeira da cidade, marcando o feriado e a festa da “procissão do coração” realizada em 21 de setembro do mesmo ano. A referida procissão passava a ser uma das festas religiosas mais importantes do Recife, sendo introduzida no calendário civil. Contudo,

esta festa que viria a se tornar a mais importante do Recife, não interferiu nas outras procissões e cortejos. Só a partir da década de 1940, a cidade era modificada em suas configurações urbanas e culturais com a abertura da Avenida Dantas Barreto, no Bairro de Santo Antônio.

A abertura da Avenida Dantas Barreto, porém, marcou as principais transformações urbanas e culturais já ocorridas no Recife. O início das obras precipitou a derrubada da Igreja de Nossa Senhora do Paraíso durante o ano de 1943. O antigo trajeto da procissão do Bom Jesus das Chagas que saía originalmente da Igreja do Paraíso não tinha mais seu ponto de referência fixo. A mudança do itinerário provocada pela interferência das autoridades municipais e omissão das eclesiásticas, gerou um desgaste nas práticas religiosas da população. É provável que a omissão das autoridades religiosas pernambucanas tenha sido resultado de uma renovação institucional de âmbito nacional marcada principalmente pela criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no ano de 1952 que passava a coordenar a ação da Igreja no país.

A Igreja, no final dos anos 50, se engaja em questões sociais (fome e desemprego), criticando o modelo capitalista. Em 1960, surgia a Juventude Universitária Católica (JUC) defensora do socialismo e influenciada pela Revolução Cubana. Na época, a Igreja se dividia entre conservadores e grupos religiosos simpatizantes das questões sociais que apoiavam as ações dos militantes da JUC na criação de um movimento de esquerda AP - Ação Popular. Havia também uma tensão constante em relação a situação histórica do país que dividia a Igreja quanto às propostas de reformas de base do presidente João Goulart. A Igreja em Pernambuco participou ativamente dos movimentos sociais de esquerda, sinalizando um provável desinteresse nas reivindicações das velhas irmandades religiosas pelas preservações das igrejas antigas e as procissões religiosas.

A falta de interesse das autoridades eclesiásticas em preservar os ritos das procissões se intensificou no ano de 1963, quando Arcebispo de Olinda e Recife D. Carlos Coelho ignorou as festas e estimulou o fim das procissões na cidade do Recife. No mesmo ano, a antiga procissão do Senhor Bom Jesus das Chagas promovida pela confraria do mesmo nome desde 1789, é extinta. O teólogo Elias Wolff (2004) destaca que a partir do ano de 1960, no Brasil, a Igreja Católica elege o diálogo ecumênico como parte fundamental do debate teológico. É provável que desde a primeira fase da questão ecumênica ocorrido em 1903, quando o poder eclesiástico católico brasileiro não se manifestara, as irmandades religiosas não sofreram grandes abalos em Pernambuco. Mas, quando se intensificaram os debates teológicos em 1960, a Igreja brasileira despertava para a atuação em setores

populares. Eram criadas as comunidades eclesiais de base, influenciadas pela Teologia da Libertação. A instituição da Igreja no Brasil assim como em Pernambuco passava a vincular o compromisso cristão com a luta por justiça social.

O engajamento social e político da Igreja em Pernambuco contra as consequências históricas do golpe político de 1964 marcaram a atuação de religiosos como D. Helder Câmara que lutou contra a ditadura militar. Por essa razão, a polêmica derrubada da Igreja dos Martírios durante a década de 1970, não foi suficiente para sensibilizar e exigir uma posição da Igreja que se encontrava presa às questões de âmbito social, ideológico e político. O edifício religioso foi derrubado para ampliação e conclusão do trecho final da referida Avenida. O ano de 1973 marcou a destruição definitiva da igreja e o fim dos ritos festivos realizados naquela edificação. Segundo, os relatos orais dos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Bairro de Santo Antônio (2005), a procissão do Bom Jesus dos Martírios foi extinta juntamente com sua irmandade em fins da década de 70, quando o grupo foi excomungado pelos Bispos D. Helder e D. Lamartine (bispo auxiliar). O ato foi resultado do confronto entre a Cúria e os irmãos devido uma indenização a ser paga na justiça pelas autoridades municipais por conta da derrubada da Igreja dos Martírios. A Cúria alegava que tinha direito a indenização, mas a justiça deu ganho de causa a irmandade, provocando a ira das autoridades eclesiásticas e a consequente excomunhão de um dos mais tradicionais grupos irmanados - a irmandade do Bom Jesus dos Martírios que remonta sua origem no ano de 1749.

A abertura da Avenida Dantas Barreto, portanto, provocou as discontinuidades nas configurações das procissões religiosas que podem ser marcadas pelas inflexões no tempo, conforme a cronologia a seguir:

- ▶ 1943 - destruição da Igreja do Paraíso, provocando a ruptura com outros percursos das procissões;
- ▶ 1963 - Arcebispo de Olinda e Recife D.Carlos Coelho se empenhou para por fim as procissões do Recife, extinguindo definitivamente a antiga procissão do Senhor Bom Jesus das Chagas e outras não identificadas;
- ▶ 1973 - destruição da Igreja dos Martírios e extinção da procissão do mesmo nome em fins da década de 70.

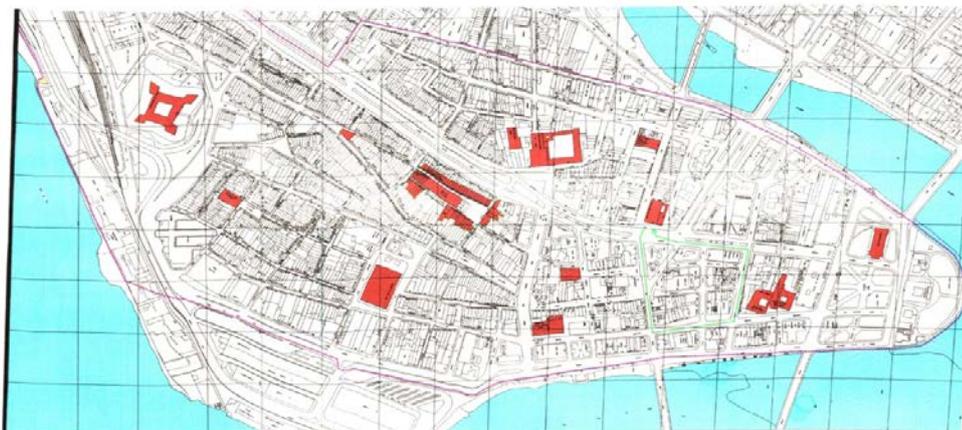
As poucas procissões que se assistem hoje são registros de outra fase das práticas religiosas. A mudança principalmente no tecido urbano da cidade provocada pela abertura da Avenida Dantas Barretos revelava outra cidade. Segundo alguns relatos dos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio (Juiz, senhor David e o Mestre de

Capela, Simião em 2005), as procissões passam a consolidar novos percursos históricos entre as décadas de 1960 e 1970. Algumas mudanças na tradição de algumas festas são alteradas antes do referido período, sinalizando mudanças profundas que viriam acontecer. No ano de 1943, a procissão da Ressurreição saiu no Domingo de Páscoa, deslocando-se do seu dia tradicional durante a Sexta Feira Santa. Em 1955, é introduzido o encontro entre os andores do Bom Jesus dos Passos e de Nossa Senhora do Livramento. No dia de 27 de novembro de 1959, surge a procissão eucarística na Matriz da Boa Vista. Em 1963, o antigo percurso da Procissão de Nossa Senhora do Paraíso é extinto. Todo o itinerário festivo é modificado, tendo a festa de Nossa Senhora do Carmo a principal festa da cidade como nunca havia sido antes. Algumas procissões antigas são extintas ou apresentam outro percurso. As procissões do período da quaresma são executadas em parte por algumas igrejas importantes como a do Santíssimo Sacramento do Bairro de Santo Antônio. Nesta análise, foi possível concluir que a abertura da Avenida Dantas Barreto provocou uma ruptura profunda entre os elementos arquitetônicos e urbanísticos dos bairros de Santo Antônio, São José e do Recife. O trajeto ainda guarda algumas reminiscências de uma sintaxe que envolve a Rua Nova, Praça da Independência e Igreja do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio. A Avenida Dantas Barreto aparece como uma via de destaque frente aos velhos elementos urbanos. Cada festa foi transposta e analisada separadamente na planta da Unibase da FIDEM, 2000 conforme está destacado abaixo:

► Festa da “Procissão do Senhor Morto”, segue hoje o determinado percurso e seu mapeamento:

- 1) Praça do Diário, início da Avenida Dantas Barreto;
- 2) Rua do Imperador;
- 3) Oitão da Ordem Terceira de São Francisco;
- 4) Recolhe na Matriz de Santo Antônio.

## Procissão do Senhor morto



Fonte: Unibase do Recife, FIDEM, 2000.

### ► Festa do Rosário dos homens pretos do Bairro de Santo Antônio

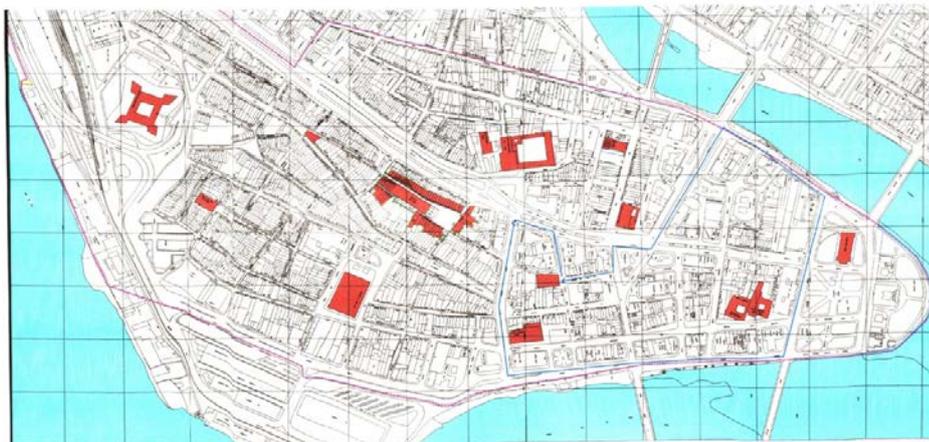
Dentre as referidas igrejas, a do Rosário dos homens pretos inicia primeiro suas festividades entre os dias 05 a 15 de outubro. A igreja possui uma confraria do mesmo nome, organizada para perpetuar a devoção a sua padroeira - Nossa Senhora do Rosário. A abertura da festa acontece com uma missa solene, aonde ocorre o hasteamento da bandeira. Os dias seguintes são marcados por recitações do terço e celebrações de missas. Durante o segundo domingo acontece a celebração eucarística realizada por diversos sacerdotes, além da tradicional bênção das rosas e a em seguida a solene procissão com a imagem da padroeira.

A procissão se restringe a percorrer as principais ruas do Bairro de Santo Antônio, conforme o itinerário descrito:

- 1)saída da Rua Estreita do Rosário;
- 2)seguindo pela Avenida Dantas Barreto;
- 3)Avenida N.S. do Carmo;
- 4)Martins de Barros;
- 5)Praça da República;
- 6)Rua do Sol;
- 7)Rua Nova;
- 8)Av. Dantas Barreto;
- 9)recolhendo-se à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Estreita do Rosário.

Este é, portanto, o acervo que restou de um dos percursos festivos do Recife que conservou uma de suas paradas nos arredores do Carmo. Depois de cumprido o percurso, a bandeira é descida e entregue solenemente a juíza da próxima festa e em seguida, é presidida por um sacerdote uma missa no templo. Ver o mapa do percurso:

#### Rosário dos homens pretos do Bairro de Santo Antônio



Fonte: Unibase do Recife, FIDEM, 2000.

Outra igreja que teve suas festas alteradas foi a Basílica do Carmo. Uma das mais populares e tradicionais procissões do Recife é, ainda, a de Nossa Senhora do Carmo.

#### ► Festa da Basílica de Nossa Senhora do Carmo

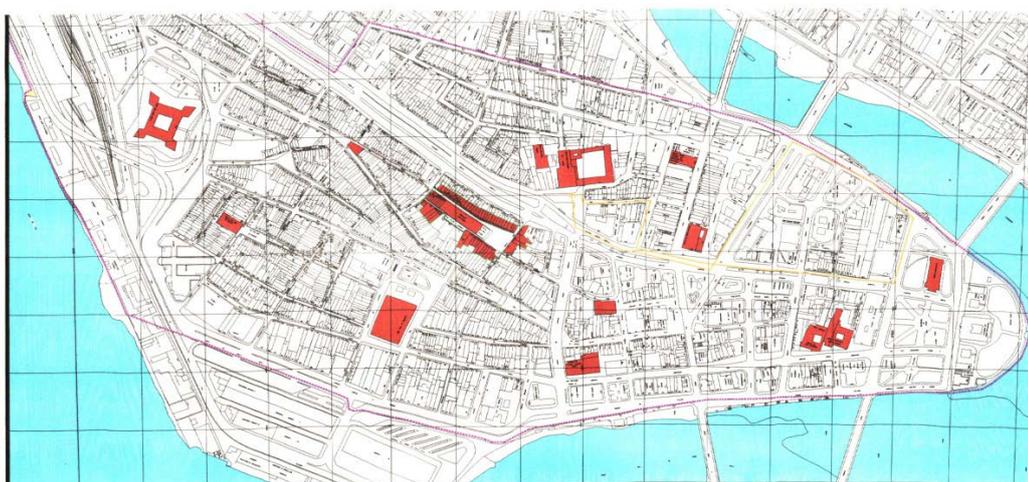
A Basílica do Carmo no Bairro de Santo Antônio abriga a mais tradicional e popular festa religiosa do Estado de Pernambuco - a procissão de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife. A festa é organizada pelos fiéis e membros da irmandade da Ordem Terceira do Carmo. Antes do dia dedicado à padroeira, são celebradas missas e recitação do terço, seguida das vésperas solenes. O dia 16 de julho é marcado pelas homenagens à santa, quando será rezada a primeira missa do dia. Em seguida começam as celebrações solenes com a presença do arcebispo de Olinda e Recife e da Ordem Carmelita, celebrando missa na frente da Basílica. Depois segue a tradicional procissão com a imagem da Virgem pelo centro da cidade. O cortejo hoje (século XXI) segue o seguinte itinerário, segundo relatos de seus praticantes:

- 1)saí da Basílica do Carmo;
- 2)Rua da Camboa do Carmo;
- 2)Dantas Barreto (na altura do Palácio da Justiça);

- 3) Avenida Quararapes;
- 4) Avenida Dantas Barreto;
- 5) retorna na direção da Basílica do Carmo.

O término da procissão é marcado com a liturgia solene, ao anoitecer. Segundo nota do domingo, publicada no Jornal do comércio do dia 15/07/2001, “a primeira festa dedicada a Nossa Senhora do Carmo se realizou em 1584 quando foi fundado o convento e a Igreja do Carmo de Olinda, berço da ordem religiosa no Brasil. Inicialmente, as homenagens eram feitas no dia 17 de julho. Na segunda metade do século 16 foram antecedidas para o dia 16”. A alteração do dia da festa não teve nenhuma implicação significativa, ao contrário da mudança da trajetória da procissão. Ver o mapa o trajeto:

#### Procissão de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Unibase do Recife, FIDEM, 2000.

A abertura da Dantas Barreto, possivelmente, provocou a ruptura de um dos mais importantes percursos festivos da história das celebrações religiosas de Pernambuco. Percurso como outros definidores da importância de determinados edifícios religiosos que guiaram à formação da cidade.

#### **Conclusão: Reminiscências dos percursos festivos do Recife**

O frágil acervo existente dos percursos festivos manifestados nas festas e procissões das igrejas no Recife, Bairro de Santo Antônio, resiste, hoje, conforme a importância de determinada igreja e seu padroeiro no contexto histórico de suas fundações. A arte e arquitetura, embora marquem de forma significativa os modos de fazer e sentir da

população, não é suficiente para expressar o legado das tradições festivas. Portanto, nem sempre igrejas bem ornadas ou monumentais no Recife eram protagonistas das principais manifestações festivas da cidade. Provavelmente, isto explique a ausência de algumas igrejas nas narrativas históricas dos viajantes durante os séculos XVIII e XIX, como é o caso de São Pedro dos Clérigos. As festas neste templo permanecem esquecidas pela população, provavelmente, porque não fossem tão expressivas no passado.

Longe do passado, hoje, algumas igrejas do Recife no Bairro de Santo Antônio iniciam o ciclo de suas principais festas e procissões em outubro até que se inicie o mês natalino e, posteriormente, a Quaresma. Por essa razão, muitas delas permanecem fechadas durante quase todos os meses anteriores. Igrejas como a da Ordem Terceira do Carmo continuam fechadas para o público no mês festivo de outubro, embora se prepare para suas celebrações e cortejos. Contudo, é a violência e a depredação do patrimônio religioso (abertura de avenidas mal planejadas, destruições de edificações significativas e desgastes físicos) que mais pesam no arrefecimento das festas e celebrações dos templos, atualmente. A violência e a depredação do patrimônio arquitetônico e urbanístico fez, hoje, incidir os crimes e a mudança do comportamento social da população do Recife. Todas essas questões que levaram as transformações desses percursos históricos estão sendo estudadas pelo Laboratório de Tecnologias de Investigação da Cidade - LATTICE do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano - MDU da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

### **Bibliografia, fontes documentais e iconografia:**

- Brandão, C. A. L. 1999. *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Cord, M. 2005. Identidades Étnicas, Irmandade do Rosário e Rei do Congo: sociabilidades cotidianas recifenses - século XIX. *Revista de Antropologia Social, América do Sul* [Em Linha], 4. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/1598/1346> [Consult. 6 de março de 2010].
- Sant' Anna, A. R. 2000. *Barroco: do quadrado à elipse*, Rio de Janeiro, Rocco.
- Sette, Mário. S/D. *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo*, Rio de Janeiro, ECB.
- Schwarcz, Lilia Moritz. 2002. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis - Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*, Companhia das Letras.

Silva, L. D. 1999. A corte dos reis do Congo e os maracatus do Recife. *Ciência e trópico* [Em Linha], 27. Disponível em <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CIT/article/viewFile/880/825> [Consult. 6 de março de 2010].

Wolff, E. 2004. Caminhos do ecumenismo no Brasil. História. *Revista Eclesiástica Brasileira* [Em Linha], 64. Disponível em [www.itf.org.br](http://www.itf.org.br) [Consult. 23 de Junho de 2005].

### **Fontes primárias**

Relatório do Compromisso da Vulnerável Irmandade do SS. Sacramento de Santo Antônio do Recife, 1902 a 1903; Correspondências Remetidas, 1964 a 1974 - Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio; “Compromisso da Vulnerável Irmandade do SS. Sacramento de Santo Antônio do Recife”, 1959 (Acervo da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Bairro de Santo Antônio do Recife); Relatos orais dos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Bairro de Santo Antônio, colhido na terceira semana do mês de outubro de 2005; Jornal do Comércio: 15-07-2001.

### **Iconografia**

REIS, N. G. 2000. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, São Paulo, FUPAM - EDUSP - Imprensa Oficial, CD-ROM;

FIDEM, Unibase, 2000.